



# Modelos de cidade na teoria e na prática: uma perspectiva transcultural

**Eckart Ehlers**

Universität Bonn, Geographisches Institut, Bonn, Alemanha.

E-mail: ehlers@giub.uni-bonn.de

*Publicado originalmente em:*

*Ehlers, E. (2011) City models in theory and practice: a cross-cultural perspective. Urban Morphology, 15(2), 97-119<sup>1</sup>.*

**Tradução: Gislaïne Elizete Beloto** 

Universidade Estadual de Maringá, Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Maringá - PR, Brasil

E-mail: gebeloto@uem.br

<https://doi.org/10.47235/rmu.v11i2.337>

---

**Resumo.** *Uma série de modelos de forma urbana são examinados numa perspectiva transcultural. Sem pretender ser abrangente e baseado, em grande parte, nas descobertas de pesquisadores de língua alemã, argumenta-se que existem vários modelos de forma urbana que servem como representações descritivas úteis de condições culturais e históricas específicas. Todavia, tais modelos são, na sua maioria, aplicáveis ao tecido urbano histórico de um mundo pré-globalizado e têm valor limitado fora dos núcleos históricos das vilas e cidades tradicionais.*

**Palavras-chave.** *modelos urbanos, distinções culturais, tipologias urbanas, núcleos históricos, geógrafos alemães*

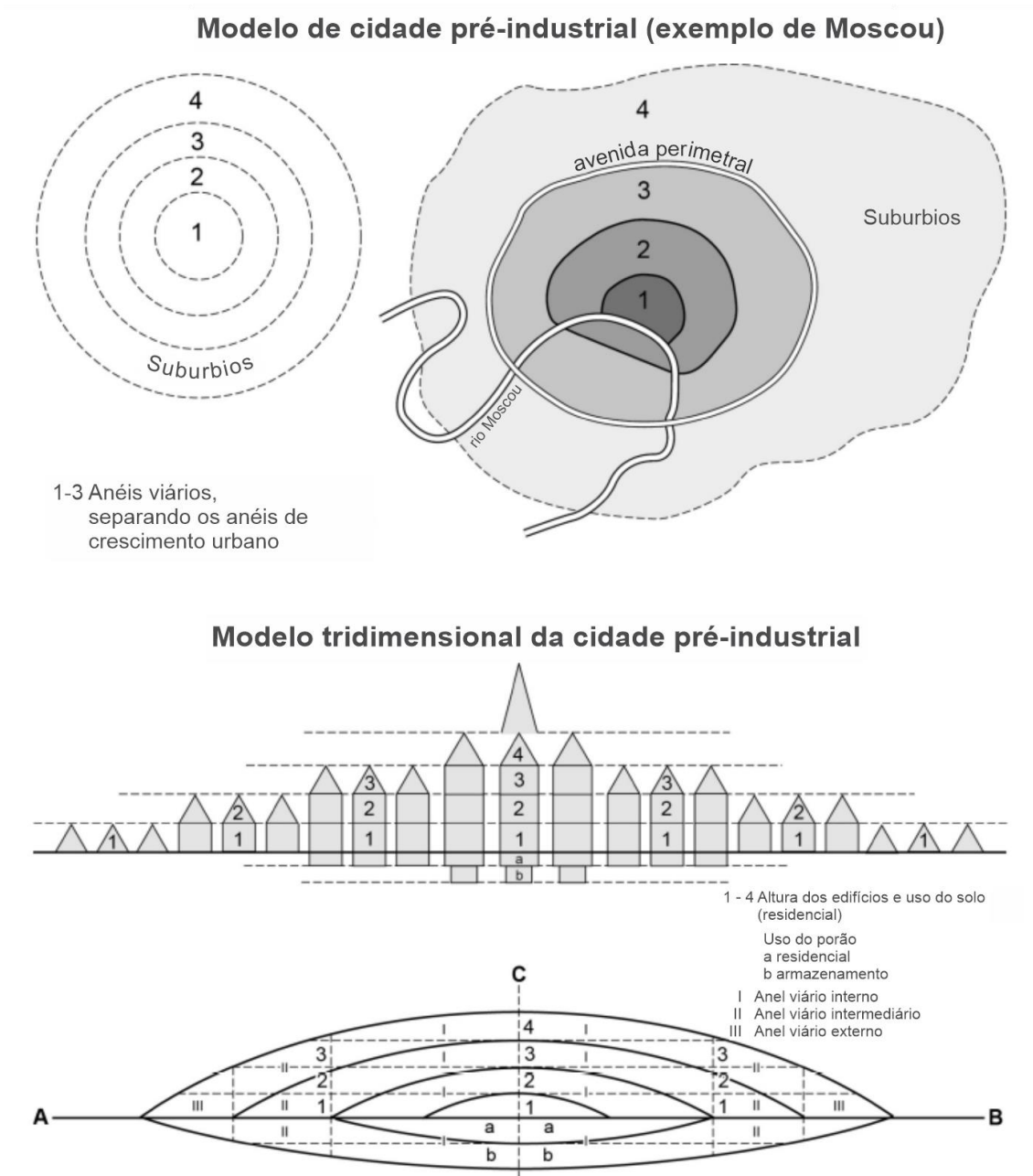
---

Modelar cidades, especialmente com base em critérios formais, há muito tempo tem sido um aspecto dos estudos urbanos entre os geógrafos alemães, remontando profundamente à história acadêmica. Já em 1841, o geógrafo alemão Johann Georg Kohl desenvolveu modelos urbanos notáveis, teoricamente fundamentados e amplamente esquecidos de cidades da Europa Central pré-industriais e de organização feudal (Figura 1). Em 1899, Otto Schlüter publicou um artigo seminal, 'Über den Grundriß der Städte' [Sobre o Plano das Cidades], uma das primeiras abordagens tipológicas para formas urbanas e suas raízes históricas. Whitehand (1997, p.1) destacou Otto Schlüter e seu contemporâneo francês H. J. Fleure como primeiros 'luminarie' no campo da morfologia urbana. Apesar destas primeiras iniciativas, o desenvolvimento da morfologia urbana e seu papel como fonte tanto para reconstruções históricas quanto para tipologias geográficas parece ter ganhado impulso somente na segunda metade do século XX (Gauthiez,

2004). A revisão abrangente de Gauthiez e as considerações teóricas e estudos de base sobre morfologia urbana e morfogênese de Whitehand (Whitehand, 1977, 2001) são leituras fundamentais para as deliberações a seguir.

Entretanto, é importante notar que modelar cidades não é uma prerrogativa apenas alemã ou geográfica. Ao revisar modelos de cidades existentes, Korcelli (1975) diferenciou seis categorias e as associou a disciplinas específicas:

1. Modelos sócio-ecológico e sócio-espacial (sociologia)
2. Modelos de custos de transporte, imobiliário e de uso do solo (economia)
3. Modelos de densidade populacional (demografia)
4. Modelos de interação intraurbana (planejamento urbano)
5. Análises e diferenciações de lugares centrais (geografia), e
6. Modelos de difusão intraurbana (geografia).



**Figura 1.** Modelos uni e tridimensionais da cidade pré-industrial: o exemplo de Moscou (Kohl, 1841, redenhado a partir de Böhm, 1986)

Todavia, essa tipologia se concentra especificamente em abordagens aplicadas e tematicamente definidas para pesquisa urbana. Aparentemente, nenhuma das seis categorias propostas faz referência às especificidades históricas das formas e funções urbanas desenvolvidas ao longo de séculos ou mesmo milênios em ambientes culturais específicos. Ao que parece, os modelos de estruturas genético-culturais da cidade são menos desafiadores e de interesse acadêmico mais do que de interesse prático.

Contudo, a globalização e suas consequências, especialmente a tendência de os estilos de vida perderem sua distinção, estão sendo contrabalançadas pelo ressurgimento regional de tradições históricas e diferentes formas de cultura material. No entanto, a similaridade das paisagens urbanas, a onipresença de marcos arquitetônicos criados por alguns arquitetos renomados internacionalmente e a dinâmica global das segregações econômica e social dentro de assentamentos urbanos em rápido crescimento, especialmente em

megacidades, estão contribuindo para uma uniformidade generalizada das formas, funções e estruturas urbanas em escala mundial (Levy, 1999). Isso representa um desafio à proteção, restauração e ressurgimento de formas e estruturas urbanas distintas.

É nesse contexto que o teor deste artigo deve ser visto. As tentativas de identificar e discutir formas urbanas historicamente e culturalmente diferenciadas devem, de maneira ideal, considerar todo o espectro da evolução urbana desde seus primórdios e em sua diversidade regional. Isso não é possível nem mesmo pretendido no escopo deste artigo. Em vez disso, o artigo se baseia em dois pressupostos: primeiro, que as formas urbanas atuais tendem a se desenvolver em direção à uniformidade global; e em segundo lugar, que as características históricas e regionais de cidades e vilas, bem como sua singularidade no tempo e espaço, são preservadas - se é que são - nos centros das cidades, ou seja, em seus núcleos históricos. Embora esses núcleos sejam apenas uma parte muito pequena do tecido urbano total, são cruciais para a identidade cultural das regiões e das pessoas.

Estas são, claro, afirmações muito gerais. Pretende-se que sirvam como ponto de partida para uma discussão sobre diversos aspectos dos modelos urbanos em uma perspectiva transcultural - para uma visão geral mais ampla, consulte Ehlers, 1992a. Este artigo busca promover a discussão dos seguintes aspectos dos modelos urbanos: primeiro, o valor e o potencial explicativo dos modelos urbanos geográficos; em segundo lugar, ideais e realidades de 'modelos'; e, em terceiro lugar, os problemas de transferências híbridas, transculturais e generalizações.

### **Valor e potencial explicativo dos modelos urbanos geográficos**

As tentativas dos geógrafos alemães de condensar a grande variedade e diversidade de paisagens e desenhos urbanos dentro de tipologias simples, na maioria das vezes descritivas, ou 'modelos', foram revisadas por Bähr e Jürgens (2005), Borsdorf e Bender (2010), Heineberg (2007) e Hofmeister (2004, 1980). Tais tentativas, legítimas e academicamente compreensíveis,

culminaram, nas décadas de 1970 e 1980, em uma série de 'modelos de cidade' histórica e regionalmente diversificados. Desenvolvidos com base em critérios predominantemente formais, eles se tornaram materiais ilustrativos usuais para gerações de estudantes, tanto no ensino médio quanto no ensino universitário. Sua ênfase nas características históricas e culturais das paisagens urbanas de regiões específicas levou-os a serem aceitos como exemplos de diversidade cultural em um mundo globalizado. A seguinte categorização - relativamente recente e diversificada - foi compilada por Heineberg (2007):

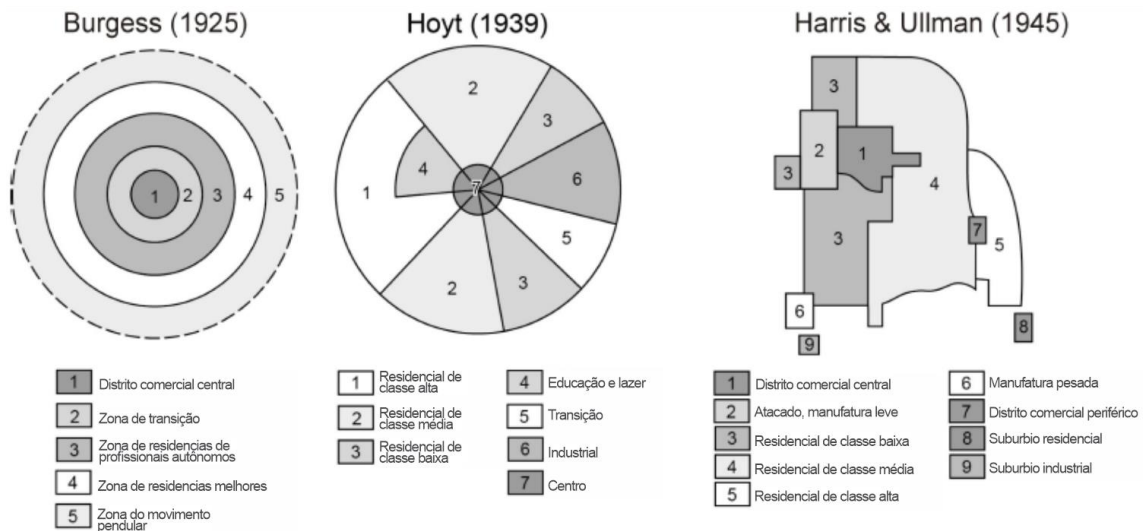
- A cidade europeia
- A cidade socialista/pós-socialista
- A cidade anglo-americana
- A cidade latino-americana
- A cidade islâmica do Oriente Próximo e do Oriente Médio, e do Norte da África
- A cidade tropical africana
- A cidade indo-paquistanesa
- A cidade do Sudeste Asiático
- A cidade chinesa
- A cidade japonesa
- A cidade australiana

Foi atribuída grande importância a essas tipologias. Heineberg (2007, pp. 11-12) as chamou, apropriadamente, de 'tipos genético-culturais de cidade em escalas continentais e subcontinentais'. A importância que esta abordagem ganhou na geografia urbana na Alemanha é sublinhada pelo estabelecimento do 'Urbanization of the Earth' [Urbanização da Terra], uma série de manuais que até agora se estende por onze volumes - para discussão dos primeiros sete volumes, ver Ehlers (2003, pp. 114-15).

Como são esses chamados modelos? O que eles descrevem e/ou explicam? E qual é o seu valor acadêmico e prático? Os exemplos a seguir são quase inteiramente baseados em pesquisas alemãs. Eles são abstrações e interpretações de tecidos urbanos tradicionais e, portanto, bastante estáticos; em alguns casos, os exemplos fornecem pontos de partida para modelos dinâmicos de padrões de crescimento urbano.

### **Modelos de cidades norte-americanas**

Pode-se argumentar que, em muitos aspectos, os modelos clássicos de cidades norte-americanas marcam o início da pesquisa genético-cultural. O foco das primeiras



**Figura 2.** Modelos clássicos da cidade norte-americana: a) modelo de zona concêntrica (redesenhado de Burgess, 1925); b) modelo setorial (redesenhado a partir de Hoyt, 1939); c) modelo celular (redesenhado de Harris e Ullman, 1945)

tentativas americanas difere consideravelmente da descrição das *Nordamerikanische Stadtlandschaften* [Paisagens urbanas norte-americanas] feita pelo geógrafo alemão Dietrich (1930). Tais tentativas americanas não se concentram na 'ideologia' das formas urbanas e sua morfogênese. Elas refletem as forças motrizes social, econômica e política e seus impactos nas formas e estruturas urbanas. O modelo de zonas concêntricas (Burgess, 1925), o modelo de setores (Hoyt, 1939) e o modelo de múltiplos núcleos (Harris e Ullman, 1945) são tentativas descritivas e baseadas em teorias de englobar as características dos processos e estruturas de urbanização norte-americanas, e ainda têm alguma validade. Elas continuam a receber atenção hoje, embora tenham sido ajustadas para abarcar recentes transformações nas paisagens urbanas norte-americanas e até mesmo transferidas para outros contextos culturais. Essas três interpretações podem ser consideradas certamente como 'clássicas' (Figura 2). No entanto, elas ainda abrangem as urbanizações atuais, especialmente o quase incontrolável subúrbio das cidades norte-americanas?

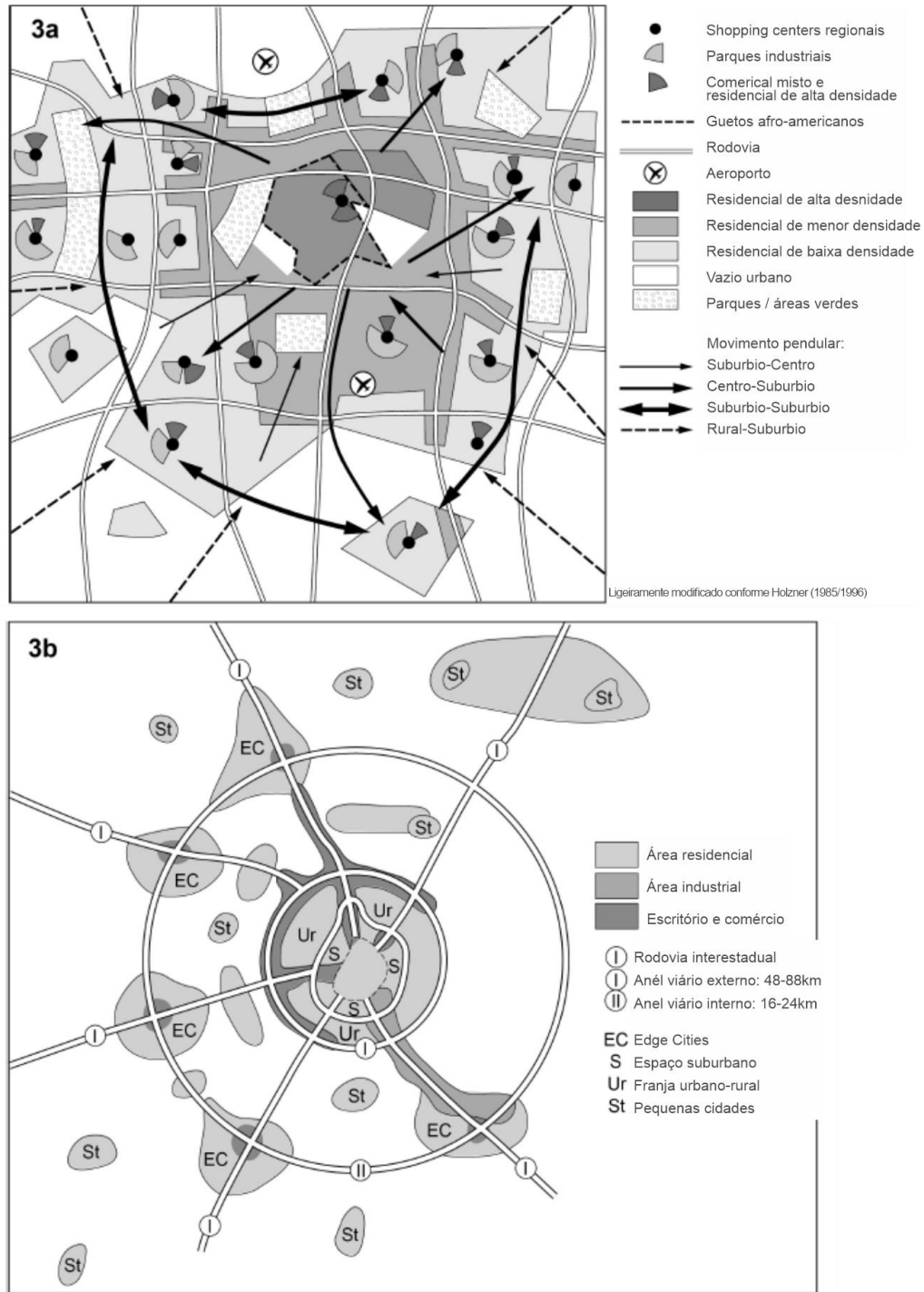
Em contraste com esses modelos desenvolvidos por sociólogos, economistas e geógrafos, modelos mais recentes tentam capturar, por exemplo, tendências de 'quarteirização' das atividades econômicas nas cidades norte-americanas, a dinâmica da expansão urbana, as forças opostas de declínio urbano e gentrificação, e o papel das novas

cidades e assim chamadas 'edge cities'. Eles culminam na hipótese de alguns geógrafos de que o declínio e a desintegração das paisagens urbanas históricas, os processos de suburbanização e a transição mais ou menos 'fluida' do ambiente urbano para o rural são expressões de um específico 'modo de vida americano' (Short, 2007). 'A nova metrópole' é caracterizada por uma mistura de áreas de emprego e áreas residenciais, com uma fusão de características suburbanas, exurbanas e de centralidades, e o que Knox (2008) chama de metroburbia (domínios dos centros urbanos, domínios suburbanos em consolidação, domínios dos bairros favorecidos e domínios exurbanos emergentes). Dois exemplos podem servir para demonstrar, a partir de uma perspectiva alemã, a percepção da cidade americana por meio de modelos (veja também Hofmeister, 1992). Schneider-Sliwa (2005) apresenta uma visão bastante estática do que ela chama de 'conurbações anglo-americanas' (*Ballungsraum*). Holzner (1996), no entanto, adota uma abordagem cultural. Ele não apenas caracteriza os Estados Unidos como um 'país urbano' (*Stadtland*), mas também interpreta sua estrutura, dinamismo e conversão de áreas rurais em distritos residenciais suburbanizados como uma expressão do modo de vida americano e sua manifestação na paisagem cultural (Figura 3). Alguns podem argumentar que, em termos históricos, filosóficos e políticos, tal interpretação é uma abordagem 'tipicamente alemã' - seja lá o que essa caracterização possa significar. O fato de

M. P. Conzen (2001), em sua revisão de 'The study of urban form in the United States' [O Estudo da Forma Urbana nos Estados Unidos], não incluir o trabalho de Holzner em sua lista de referências pode ser visto como uma indicação adicional desse fato.

### Exemplos de cidades latino-americanas

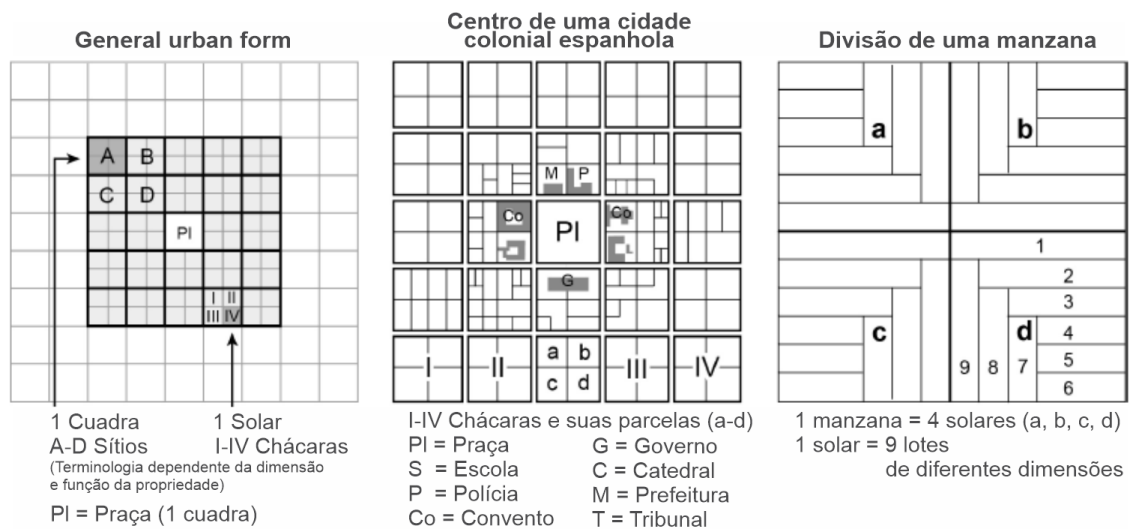
Provavelmente, os modelos de cidades latino-americanas tornaram-se ainda mais populares do que os das cidades norte-americanas, uma vez que eles têm se tornado cada vez mais complexos.



**Figura 3.** Modelos de 'regiões urbanas americanas' (redesenhados a partir de Holzner, 1996) e da 'aglomeração anglo-americana' (Schneider-Sliwa, 2005)

Pode-se argumentar que um dos modelos mais antigos de planejamento e desenho urbanos é o da cidade latino-americana. A colonização espanhola das Américas Central e do Sul correspondeu ao estabelecimento de centros urbanos por volta de 1600. Apenas um século após sua 'descoberta', as colônias espanholas foram tomadas por uma rede de mais de 200 centros urbanos. Quase todos eles foram concebidos de forma bem-organizada, funcionalmente diferenciada e socialmente segregada. Alguns autores (especialmente Wilhelmy, 1952) apontaram para o fato de que as 227 fundações urbanas entre 1521 e 1573 foram baseadas nas instruções do imperador espanhol Felipe, cuja tradução do *De architectura* de Vitruvius é considerada a base oficial e legalmente vinculativa do urbanismo colonial espanhol - e, portanto, do modelo prototípico das cidades latino-americanas. Se essa proposição estiver correta (e alguns argumentos parecem apoiar essa hipótese), então pode-se argumentar que há uma surpreendente continuidade na origem e disseminação do padrão de cidade em grelha desde Hipódamo de Mileto, passando por Vitruvius e a grelha romana até o domínio colonial da Espanha (Figura 4).

Santiago do Chile e além. No entanto, o dinamismo recente e os padrões de crescimento quase incontrolados da cidade emergente latino-americana refletem outros processos. As cidades latino-americanas foram e continuam a ser sujeitas a mudanças dramáticas, provavelmente mais profundas do que seus homólogos no hemisfério norte: crescimento populacional sem precedentes, migração rural-urbana, rápido incremento de áreas residenciais e o crescimento do transporte e das indústrias, os quais não apenas engoliram os centros históricos, como criaram setores e polos, e finalmente resultaram na fragmentação - como sugerem os modelos recentes de urbanização latino-americana. De uma perspectiva socioecológica, a fragmentação significa uma mistura de áreas residenciais e comerciais, às vezes condomínios fechados e favelas, bem como áreas de habitação social, bairros industriais e ocupações irregulares intraurbanas próximas aos núcleos históricos. Um dos modelos populares da cidade moderna da América Latina é o de Bähr e Mertins (1981, 1992), que ao longo dos anos passou por várias adições e ajustes por parte dos autores (Figura 5). Ele é considerado pelos



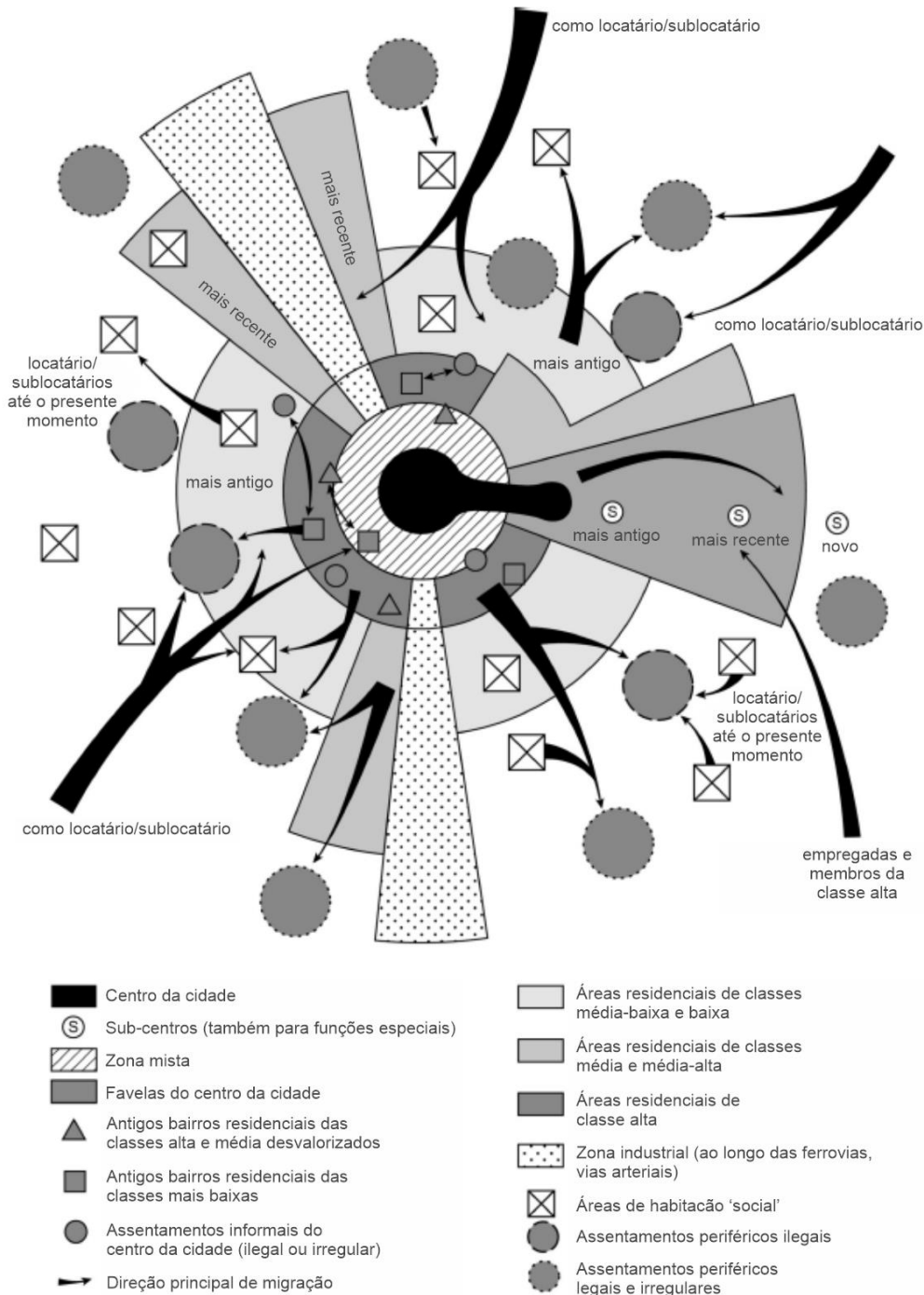
**Figura 4.** Plano ideal da cidade colonial espanhola na América Latina (adaptado de Wilhelmy, 1952)

Embora o 'plano ideal' certamente não seja um modelo no sentido estrito da palavra, ele, no entanto, representa a 'ideia' original da cidade colonial espanhola. Ele ainda é válido nos dias atuais como uma representação descritiva das origens históricas das cidades coloniais na América Latina: essas raízes históricas podem ser encontradas de norte a sul, de Santa Fé até

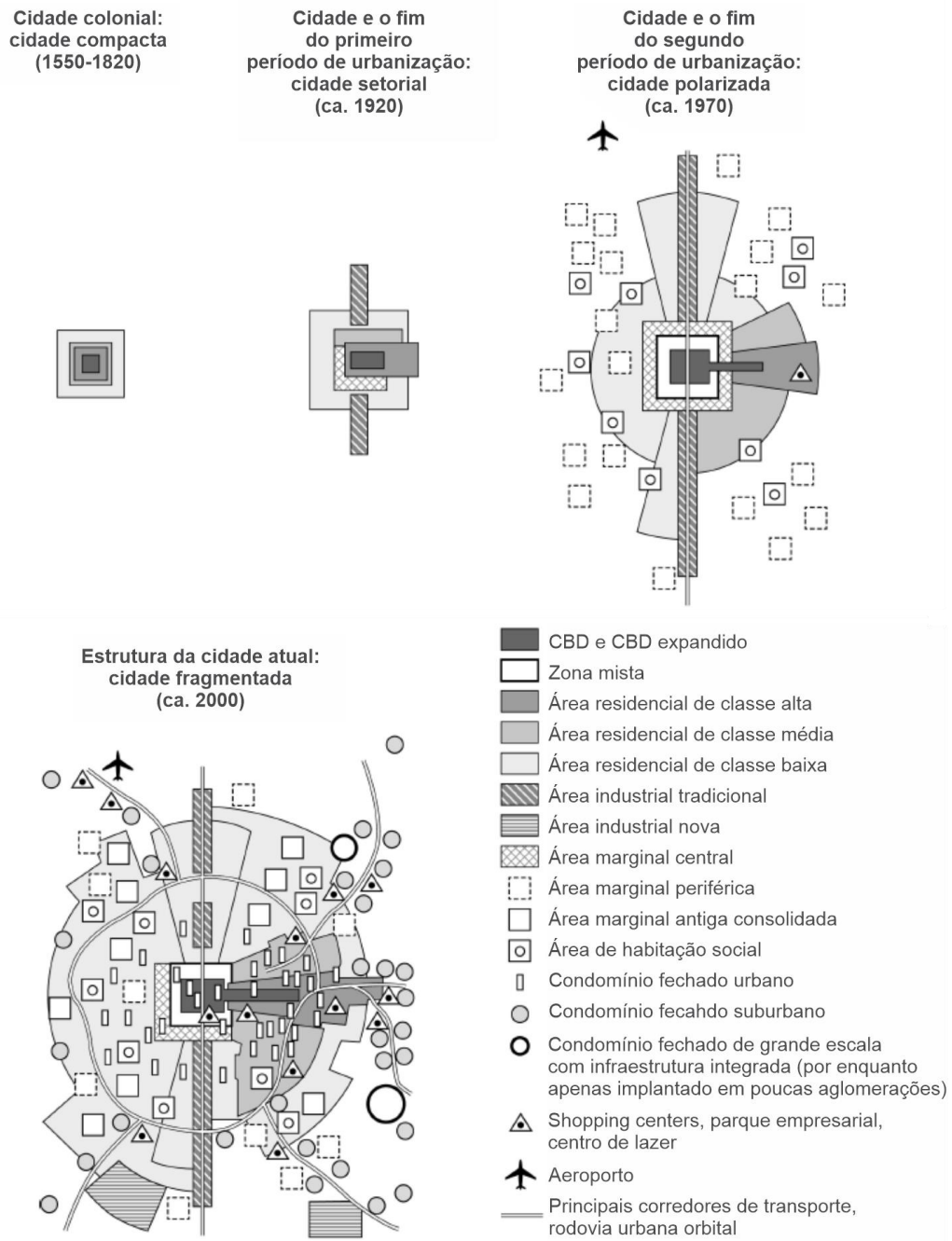
seus autores 'como um modelo dinâmico de evolução espacial e temporal', incluindo migrações intraurbanas. Os autores falam de 'três padrões diferentes parcialmente sobrepostos': 'um padrão mais antigo de anéis concêntricos no centro da cidade, frequentemente remontando ao período colonial' (o que eles chamam de 'tipo de

Burgess invertido'), 'um padrão caracterizado mais fortemente por setores em forma de cunha em um sentido de Hoytiano', e finalmente 'um padrão celular, estrutura de assentamentos descontínuos na ou além da periferia atual..., extremamente característico da rápida e frequentemente desenfreada área de expansão urbana... desde a década de 1960' (Bähr e Mertins, 1992, p. 66).

Em meio ao grande número de tentativas adicionais para controlar o dinamismo e as rápidas mudanças nas paisagens urbanas latino-americanas, a mais recente é particularmente notável. Elaborada por Borsdorf et al. (2002) e republicada por Borsdorf e Coy (2009), ela combina evoluções históricas com processos recentes nas metrópoles latino-americanas (Figura 6). A



**Figura 5.** Modelo de cidade latino-americana (fonte: Bähr e Mertins, 1981)



**Figura 6.** Modelo de crescimento urbano latino-americano (fonte: Borsdorf e Coy, 2009)

abordagem reconstrutiva abrange não apenas a atual complexidade das cidades latino-americanas, mas também seu crescimento desde setorial, passando por polarizada, até as atuais estruturas altamente fragmentadas.

#### **A cidade islâmica do Oriente Próximo e do Norte da África (MENA)**

As questões urbanas do Oriente Médio e Oriente Próximo foram estudadas em grande detalhe devido ao especial interesse dos

geógrafos alemães por essas regiões (cf. Ehlers, 1985). A máxima expressão desse interesse é a impressionante obra em dois volumes *Die orientalische Stadt im islamischen Vorderasien und Nordafrika* [A cidade oriental islâmica no Oriente Médio e Norte de África] de Eugen Wirth (2000), revisada no periódico *Urban Morphology* (Ehlers, 2003). No entanto, a história dos modelos de cidade começa com o modelo de Klaus Dettmann publicado em 1969 (Dettmann, 1969a) (Figura 7).



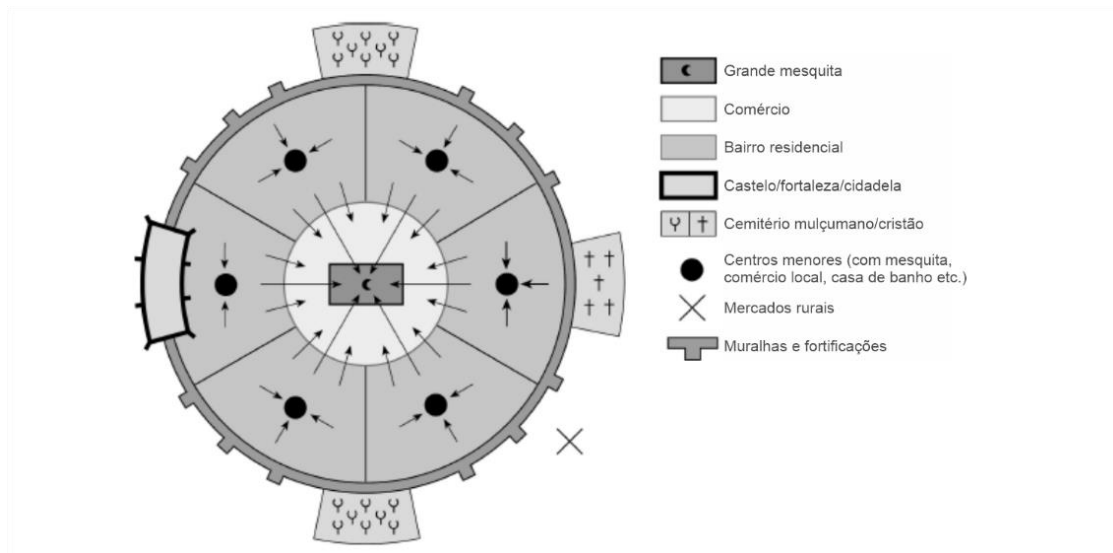
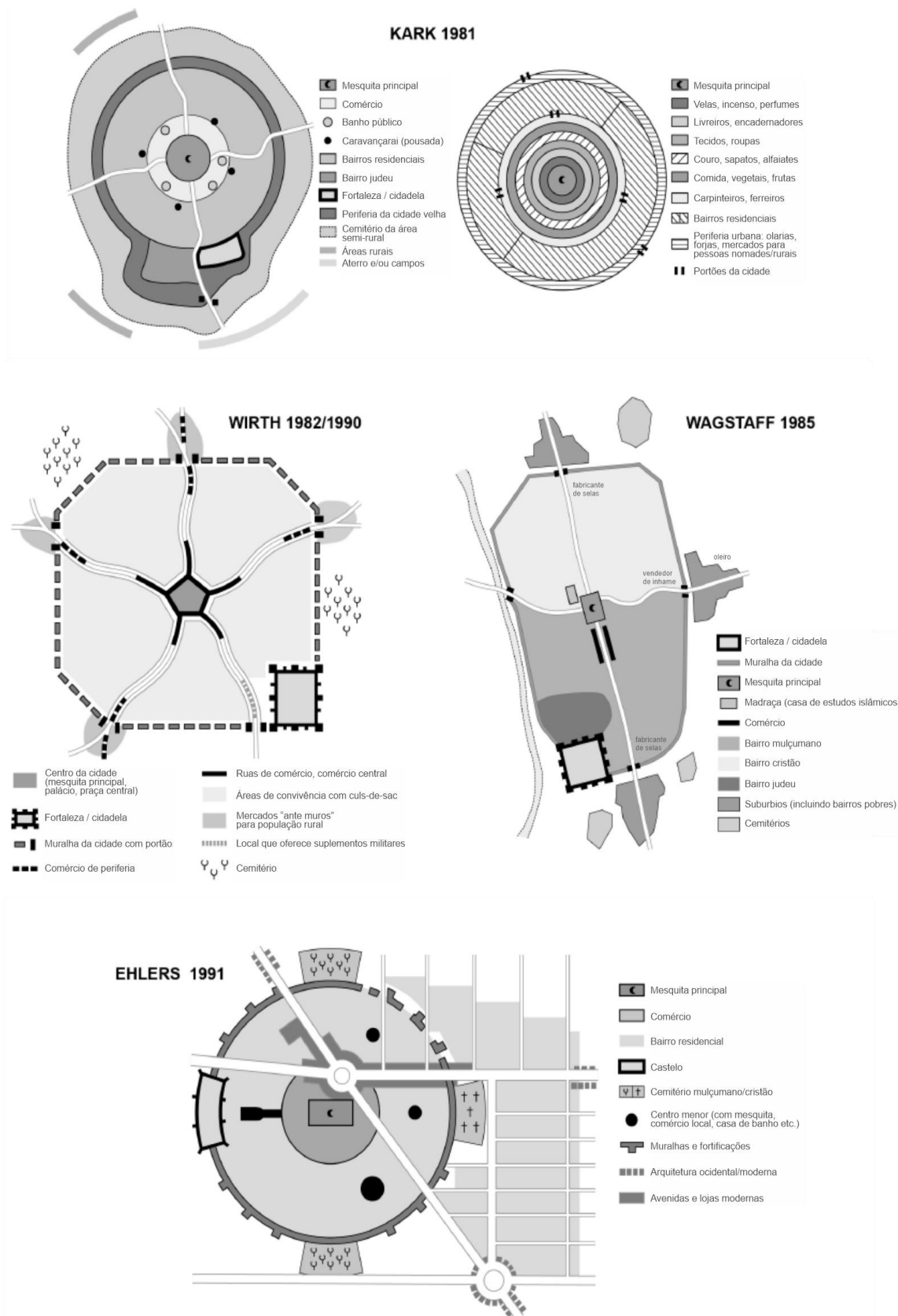


Figura 7. Modelo da cidade islâmica (conforme Dettmann, 1969b)

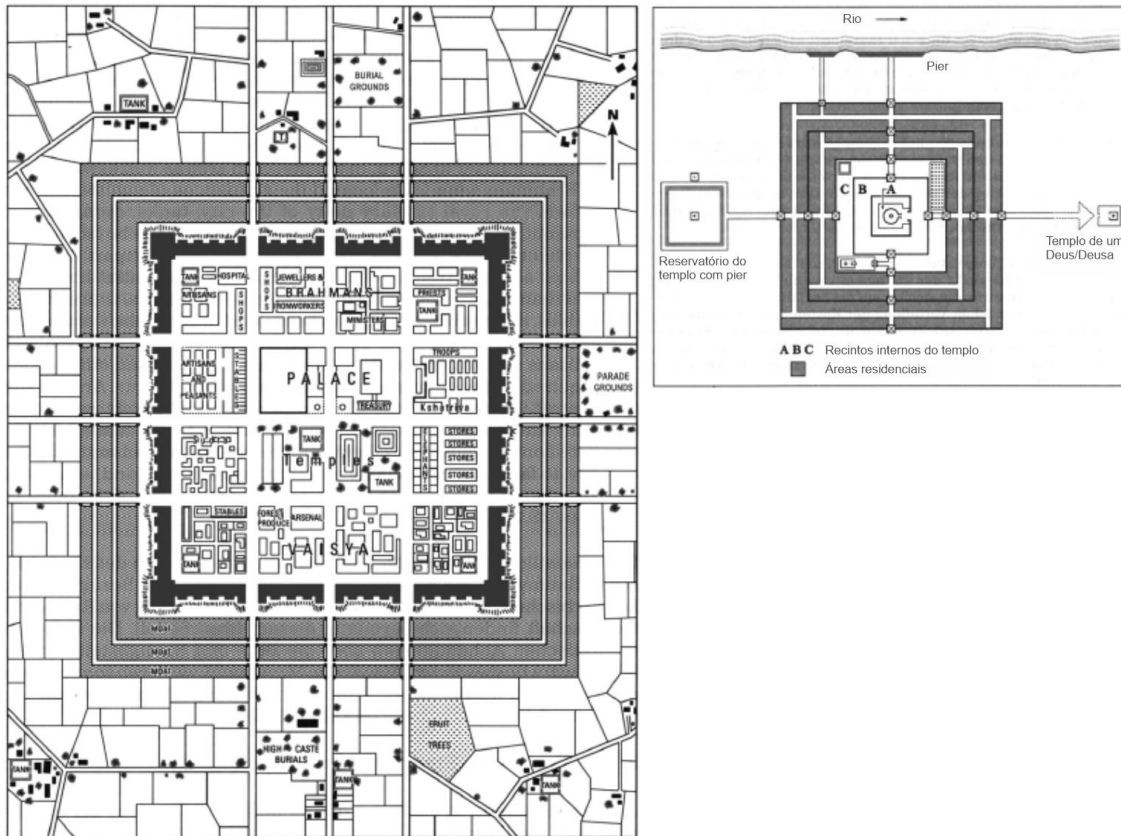
Essa primeira tentativa tornou-se um 'clássico', citado frequentemente. Posteriormente, foi ligeiramente modificada. A primeira abordagem de Dettmann, assim como a de quase todos os modelos subsequentes, é caracterizada pela grande homogeneidade e uniformidade das formas e funções urbanas da cidade tradicional na região do MENA [Oriente Médio e Norte da África]. Isso se refere tanto à estrutura espacial quanto à diferenciação funcional das cidades tradicionais do Oriente Médio, Oriente Próximo e Norte da África. A Grande Mesquita, localizada centralmente, é cercada por bazares ou *sucs*, bairros urbanos (*mahalleh*) e padrões de ruas irregulares. Uma característica adicional é a vasta muralha da cidade dentro da qual estão incorporadas fortificações governamentais e/ou militares (cidadelas ou *arqs*). A muralha oferece proteção à população urbana contra ataques externos, enquanto as cidadelas também protegem seus ocupantes políticos e militares, os representantes do poder central, dos demais habitantes e de seus possíveis protestos. Tais características são componentes onipresentes desse tipo de cidade. A comparação do 'modelo padrão' com outras representações, desenvolvidas de modo independente, sugere a ideia de um estereótipo de forma urbana que se estende desde o Marrocos e o Magrebe, no oeste, até o subcontinente indiano no leste (Figura 8). Contudo, tal 'modelo padrão' realmente representa a ideia islâmica de uma cidade, como alguns autores sugerem? - veja, por exemplo, Hakim (1986). Ou é, pelo menos

em parte, somente uma continuação de formas urbanas mais antigas e herdadas? Existem vários exemplos nos quais os padrões de ruas romanas e as diferenciações funcionais foram identificados como pontos de partida para posteriores adições e alterações feitas pelos conquistadores e culturas muçulmanas (Dettmann, 1969b; Marçais, 1945; Sauvaget, 1934, 1949; Wirth, 2000, pp. 15-58).

Análises de tentativas comparáveis de modelar as formas urbanas que caracterizam as cidades islâmicas do Oriente Próximo e Médio mostram uma considerável semelhança, independentemente das tradições nacionais de pesquisa (Figura 8). Mais uma vez, no entanto, as formas e funções urbanas, conforme expressas em vários modelos da cidade tradicional da região do MENA, só podem ser encontradas nos centros históricos preservados. Ainda, muitas cidades do Oriente Próximo e Médio são de origem recente (por exemplo, associadas à implantação de campos de petróleo) ou passaram por uma modernização e reestruturação profundas (Figura 8). Além do mais, isso é especialmente verdadeiro para as cidades na Ásia Central, onde o colonialismo russo e o planejamento urbano soviético levaram a uma considerável deterioração do tecido urbano tradicional. Atualmente, são comuns as restaurações dos centros antigos das cidades, por exemplo no Uzbequistão e no Quirguistão, onde servem como parte do renascimento das identidades nacionais e como atrações para turistas internacionais.



**Figura 8.** Outros modelos de cidades islâmicas: modificações do modelo de Dettmann por diferentes autores (fonte: Ehlers, 1993)



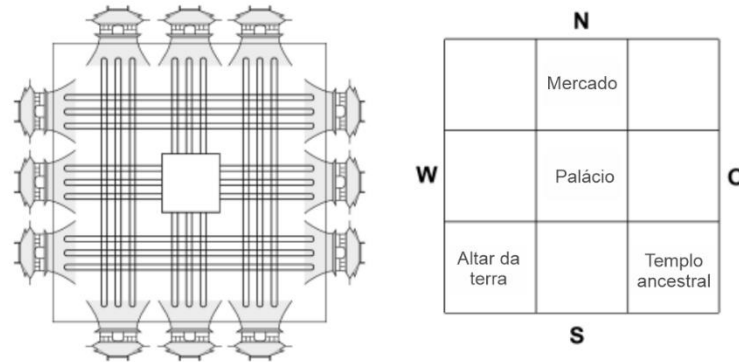
**Figura 9.** Modelo de cidade indiana do século III a.C. (conforme Kirk, 1978) e plano ideal de uma cidade-templo no sul da Índia (segundo Pieper, 1977; ver também Krafft, 1999)

### Modelos de cidades indianas e chinesas

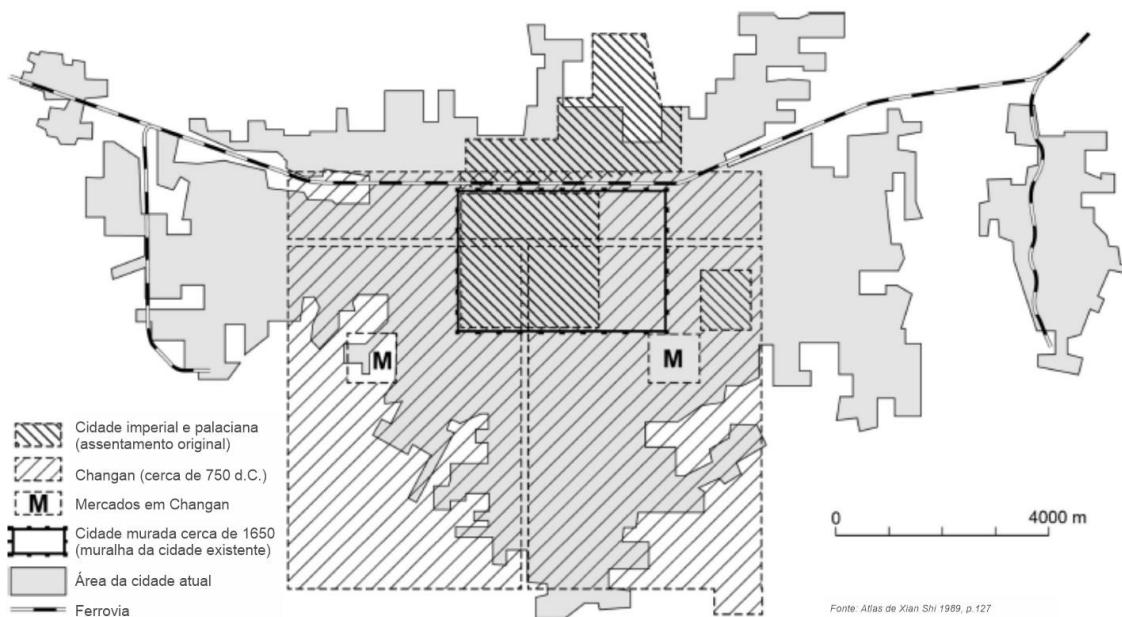
Embora seja impossível, nesta tentativa concisa, abranger todos os modelos de cidade em uma perspectiva transcultural, é essencial não negligenciar os modelos das cidades indianas e chinesas. Deixando de lado as comparações das formas urbanas na Índia e na China feitas por Dutt et al. (1994) e os modelos de Kirk (1978) e Smailes (1969), uma análise mais detalhada dos esforços alemães revela um claro foco nos impactos dos espaços rituais nas formas urbanas na Índia. Arquitetos como Gutschow (1994) e Pieper (1977) interpretam as formas urbanas na Índia em relação aos espaços, lugares e padrões viários influenciados por fatores religiosos (Singh, 1993). Resta considerar até que ponto estas tradições culturais são realmente fatores subjacentes, tendo em vista o fato de os centros espirituais históricos das cidades serem apenas pequenas partes do tecido urbano total e concentrados na porção meridional do subcontinente indiano. Em contraste com tais 'cidades hindus', o norte da Índia e suas cidades foram caracterizados

como expressões da cultura 'indo-islâmica' (Figura 9).

Assim como a Índia, a China tem uma história urbana de mais de 3500 anos. Os traçados tradicionais e os princípios do planejamento ainda estão presentes em muitas cidades e são expressões de uma herança específica. Frequentemente, os traçados das cidades chinesas tradicionais são reduzidos à geomancia como princípio orientador do desenho urbano. No entanto, a forma urbana na China tem uma dimensão cultural muito mais profunda. Para aqueles familiarizados com a história, filosofia e tradições culturais chinesas, a cidade tradicional chinesa é um símbolo cosmo-mágico (Wheatley, 1971), refletindo o cosmos, o céu e a terra em forma quadrada. Com o palácio imperial no centro da cidade, o papel do imperador é - de acordo com a ordem hierárquica da sociedade confucionista - simbolizado como 'Filho do Céu'. Tudo isso é refletido em modelos de antigas capitais chinesas, mas também em reconstruções de cidades de condados imperiais de períodos muito posteriores (figuras 10 e 11).



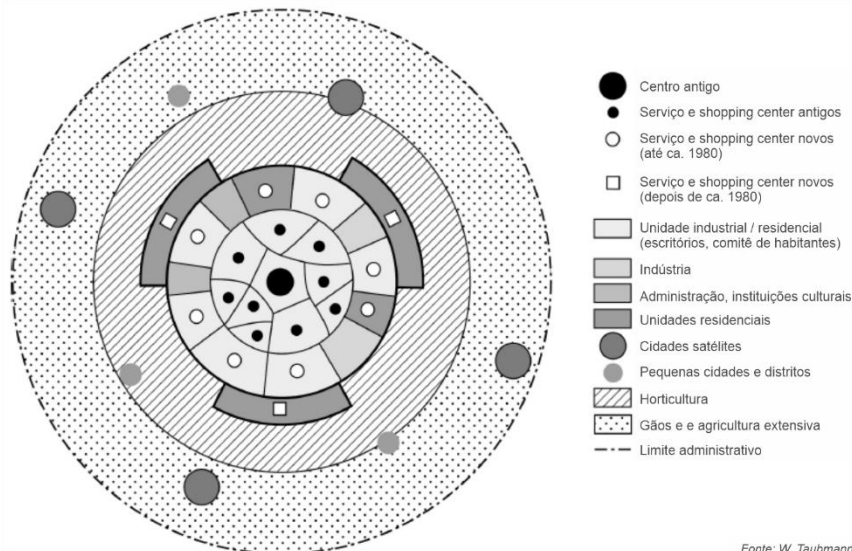
**Figura 10.** Modelo da cidade clássica chinesa: a capital da dinastia Zhou (conforme Taubmann, 1992)



**Figura 11.** O crescimento urbano de Xian desde as suas origens até ao presente (conforme Taubmann, 1992)

Com base tanto na literatura chinesa quanto na 'clássica' literatura ocidental (Eberhard, 1955-56; Schinz, 1989; Skinner, 1977; Wheatley, 1971), Taubmann apresentou um modelo da cidade chinesa moderna com um distintivo gradiente centro-periferia em termos de funções e usos do solo urbanos (Figura 12). Embora falte a esse modelo a representação da forma típica dos núcleos das cidades chinesas de acordo com as quatro direções cardeais, ele reflete as realidades modernas do urbanismo chinês. 'As áreas internas ao redor do núcleo antigo são de uso misto, combinando moradia e trabalho. Elas são subdivididas em seções por um sistema de associações de empresas ou moradores, frequentemente tendo seus próprios centros de comércio e serviços. Na

zona externa, são localizadas unidades monofuncionais extendidas (por exemplo, culturais e industriais). A expansão urbana mais recente é dominada por conjuntos habitacionais. A zona verde mostra que a maioria das cidades tem seu próprio suprimento de vegetais' (Taubmann, 1992, p. 127). Resta ver como e em que medida as cidades chinesas, com suas notáveis taxas recentes de crescimento e as irresistíveis pressões atuais por mudanças, serão capazes de preservar seu patrimônio urbano como parte de uma identidade cultural específica e incrementar isto para as gerações futuras.



Fonte: W. Taubmann 1992

**Figura 12.** Modelo da cidade chinesa atual: forma e uso do solo (conforme Taubmann, 1992)

### Teoria e prática, ou ideais e realidades dos modelos

Houve muitas tentativas de apresentar o espectro de formas urbanas historicamente - e culturalmente - diversificadas, mesmo tentando ir além do que Heineberg (2007, p. 11) chamou de escalas 'subcontinentais'. Por exemplo, Schöller (1967) apresentou uma diversidade tipológica (histórica, regional e funcional) para Alemanha que certamente tem equivalentes em muitas outras partes do mundo. Assim, deve-se ser cauteloso quanto ao potencial explicativo desses modelos apresentados aqui em escalas continentais. É apropriado questionar o valor acadêmico de tais simplificações e o que elas nos transmitem. Modelos de cidades numa perspectiva transcultural são, na sua maioria, representações de padrões espaciais das próprias histórias culturais, da ideologia, das modernas tecnologias ocidentais e da expansão urbana derivada do crescimento populacional e das inovações tecnológicas. Deste modo, numa perspectiva transcultural, eles são expressões de identidades incontestáveis. Assim que ocorrem expansões urbanas modernas, os modelos básicos perdem sua 'inocência' e se transformam em híbridos nos quais fatores sociais e econômicos cosmopolitas assumem importância: o ideal cede lugar às realidades da urbanização global.

Como muitos dos modelos de forma urbana unicamente descritivos foram modificados,

aprimorados e, acima de tudo, adaptados para refletir as dinâmicas do crescimento espacial, suas causas e consequências, uma questão importante é a relação entre modelos 'ideais' de cidades tradicionais e as realidades do processo moderno de urbanização. Aqui, apenas um exemplo será considerado: o caso de Teerã, a capital iraniana. Esta megacidade com cerca de 8 milhões de habitantes, com uma área urbana circundante de 12-15 milhões de pessoas, demonstra um contraste impressionante entre o ideal e a realidade. Quase um protótipo da 'cidade islâmica' (Figuras 7 e 8), Teerã mostrava em 1857 todos os atributos formais e funcionais de uma cidade típica no Oriente Médio (Figura 13), dos quais apenas pequenas partes são reconhecíveis hoje (cf. Figura 14).

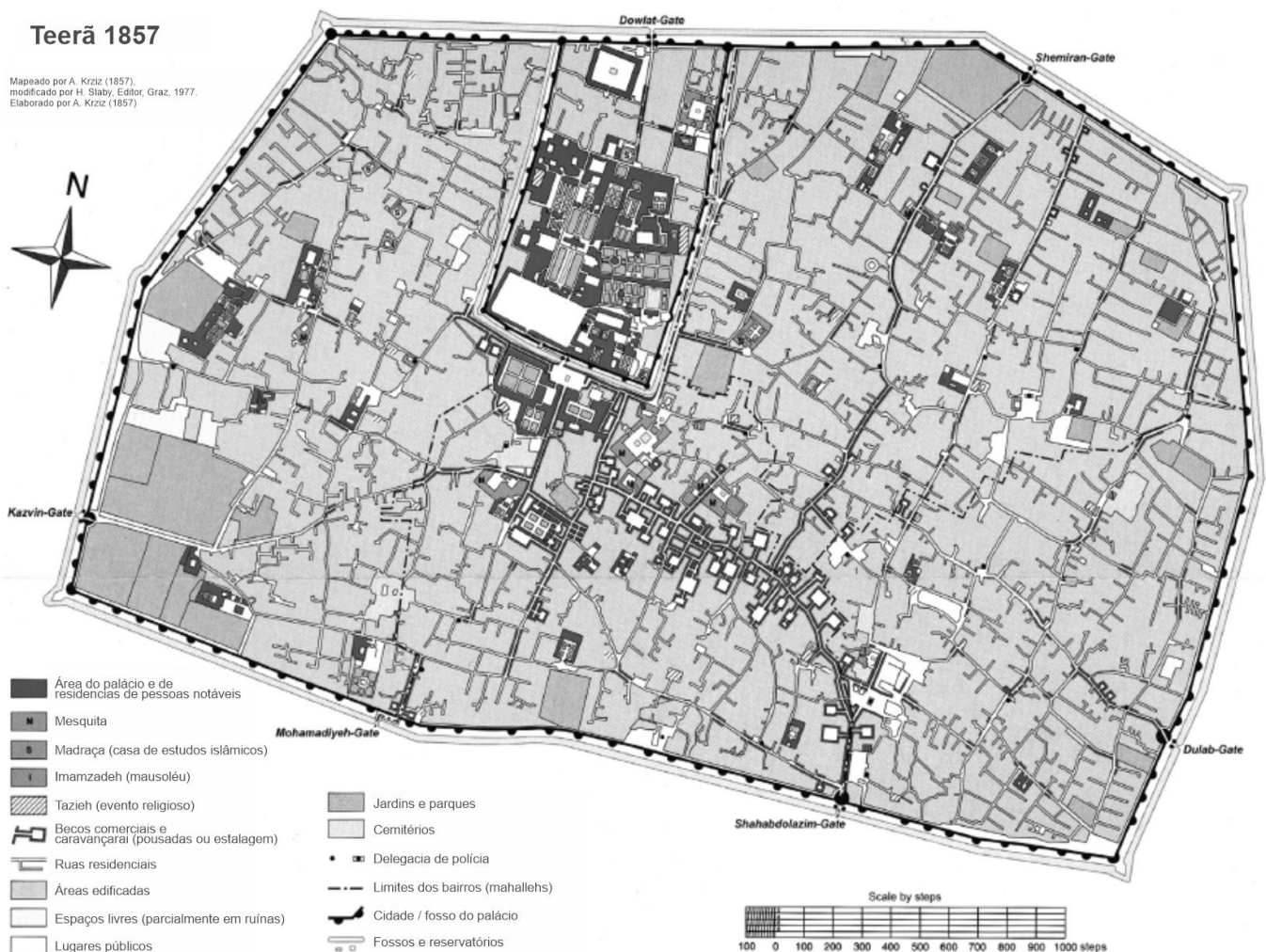
Embora seja impossível representar sua extensão e dimensão atuais, dois modelos da Teerã contemporânea podem indicar as mudanças e as forças motrizes por detrás delas. Assim, a tentativa de Seger (1975, 1978) de representar Teerã como uma cidade bipolarizada, com um pequeno centro tradicional e um amplo tecido urbano moderno em constante expansão, com todas as suas diferenciações sociais e econômicas, é uma forma de reconciliação entre ideal e realidade. Uma outra tentativa de combinar o antigo e o novo, a tradição e a modernidade, é uma abordagem que hesito em chamar de 'modelo'. No entanto, é uma tentativa de abranger os aspectos multifacetados do

crescimento de uma megacidade em um ambiente cultural islâmico (Figura 14).

Em vez de Teerã, pode-se considerar Casablanca ou Argel, Túnis ou Istambul, Bagdá ou Lahore: em todos os lugares, ideal e realidade estão em nítido contraste. O modelo da cidade islâmica do Oriente Próximo e Médio é apenas uma reminiscência, ou o que poderia ter sido há 100 anos ou mais. Existe, realmente, algo como uma cidade islâmica que seja uma criação da modernidade? O que Islamabad - a 'Cidade do Islã' e nova capital do Paquistão - tem a ver com o conceito ideal de uma cidade islâmica? (Figura 15)

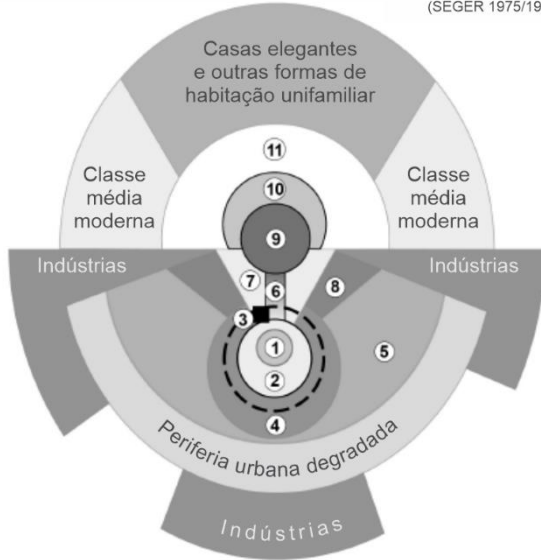
Projetada por arquitetos e planejadores ocidentais, apenas algumas 'promessas', pouco convincentes, são empregadas para justificar o nome altamente simbólico de Islamabad. Doxiadis (1960, p. 428) argumenta que 'toda grande e importante síntese da cultura

islâmica é baseada na geometria pura'. Esta afirmação certamente apresenta divergências marcantes com as tradições da cultura urbana islâmica, nas quais a privacidade e a arquitetura oriental introspectiva são aspectos-chave - e quase nenhuma dessas tradições é refletida no planejamento de Doxiadis. E o governo do Paquistão queria ver sua nova criação representando 'não apenas as aspirações dos muçulmanos, mas um sistema de valores morais, espirituais e sociais do Islã' (Kreutzmann, 1992, p. 27). E alguns poucos anos depois, foi afirmado que a 'novidade e a beleza de Islamabad simbolizam as esperanças e aspirações do povo do Paquistão de reviver, em um contexto moderno, a glória e a grandeza do domínio muçulmano no Sul da Ásia' (Kreutzmann, 1992, p. 27). Na realidade, no entanto, dificilmente se descobre algo da urbanidade islâmica tradicional na cidade islâmica de Islamabad: nem o traçado



**Figura 13.** Plano de Teerã, Irã, 1857, contendo a principal característica de uma “cidade islâmica” tradicional (redesenhada de Krziz, 1857). Cf. Figuras 7, 8 e 14

Modelo de cidade “oriental” bipolar: o exemplo de Teerã (SEGER 1975/1978)



Centro da cidade antiga:

- 1 Comércio e 2 sua periferia
- 3 Cidadela e muralhas da cidade antiga
- 4 Bairros extra muros da cidade antiga
- 5 Bairros residenciais de população urbana tradicional

Cidade moderna e sua periferia

- 6 Áreas comerciais mais antigas, "reorientadas"
- 7 Periferia mais antiga com funções governamentais
- 8 Antigas áreas residenciais de classe alta
- 9 Centro da cidade moderna/ocidental
- 10 Expansão da cidade moderna/ocidental
- 11 Áreas residenciais modernas com alta densidade demográfica

A cidade moderna do Oriente Médio: uma abordagem descritiva

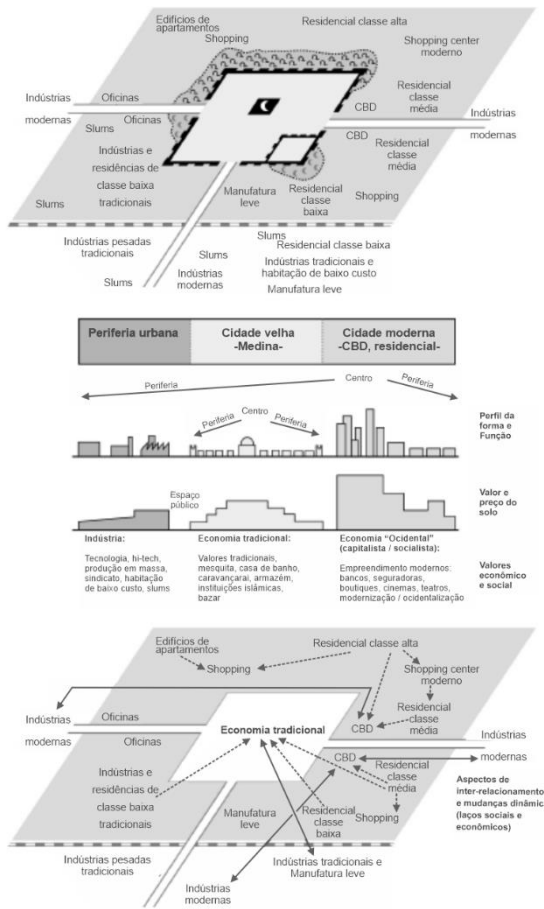
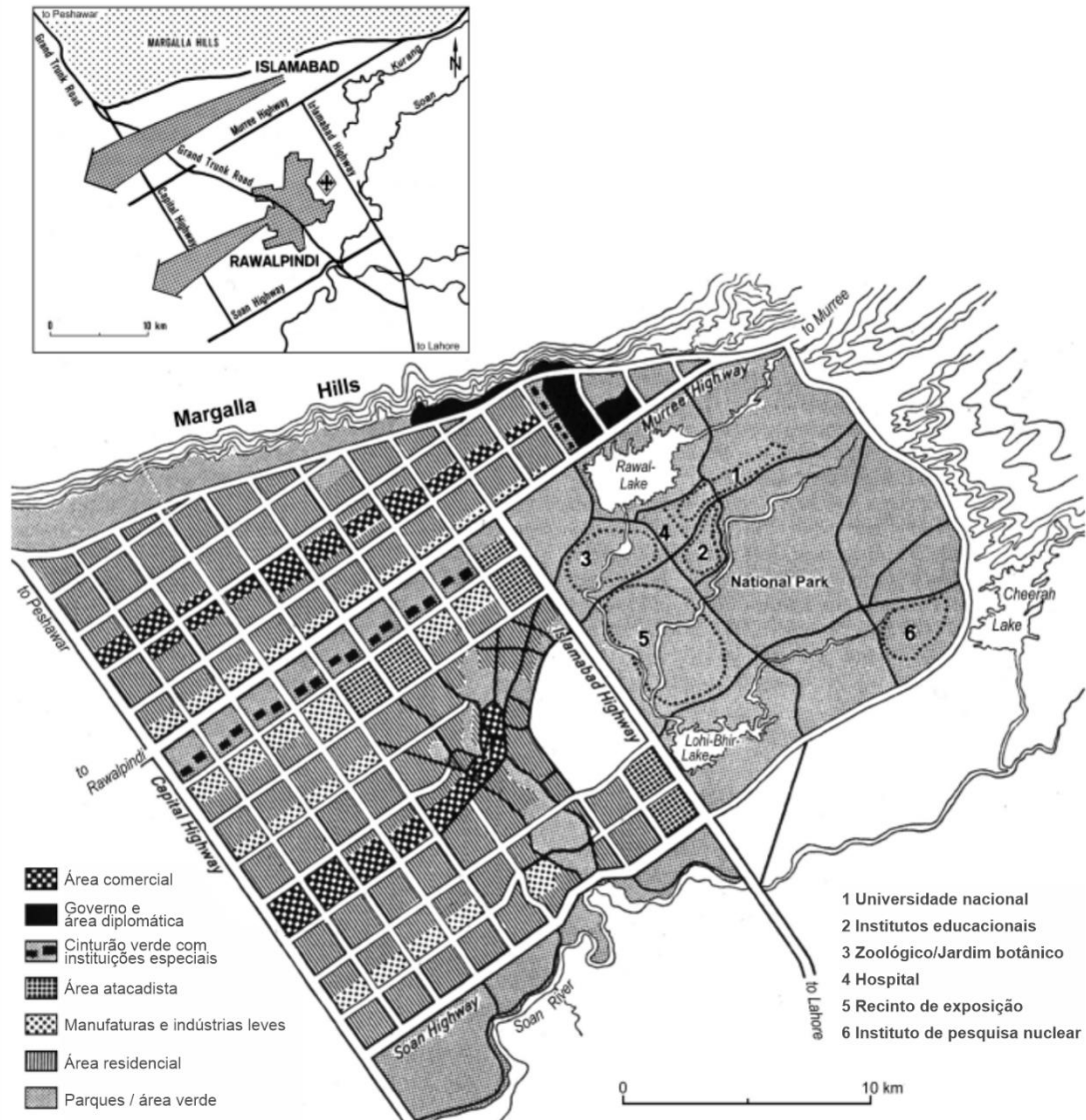


Figura 14. Modelos da cidade bipolar “Oriental” (Teerã) (Seger, 1975) e da cidade moderna do Oriente Médio (Teerã) (reproduzido de Ehlers, 1992b, 1993)

urbano nem as estruturas verticais, nem os bazares nem as mesquitas (embora haja muitas delas!), nem a arquitetura vernacular nem os materiais de construção tradicionais nos lembram a grande tradição da cultura urbana islâmica (Dettmann 1974, 1980; Krenn, 1968).

A perda da inocência que decorre das transformações culturais urbanas sujeitas à influência ocidental é, provavelmente, inevitável. Mas não é apenas a influência ocidental que molda e caracteriza as paisagens urbanas modernas de uma forma globalmente unificadora. Existem também outros fatores que contribuem para uma certa onipresença de formas urbanas: o papel das influências coloniais, o desejo dos nativos de modernização e, por vezes, até de uma pós-modernidade futurista na forma e traçado urbanos. As cidades na região do MENA refletem essas diferentes opções.

As transformações urbanas nessas regiões, aparentemente quase homogêneas desde Magrebe ao subcontinente indiano, são, na verdade, caracterizadas por uma ampla variedade de novas formas e traçados urbanos. O domínio colonial francês deixou as 'medinas' quase intocadas, e o domínio britânico na parte indo-paquistanesa de seu império foi caracterizado por uma filosofia semelhante. No entanto, a administração britânica circundou e expandiu estruturas urbanas antigas muito próximas aos *cantonments* [quarteis militares], colônias ferroviárias e similares (Dettmann, 1980). A Rússia planejou de modo semelhante, embora seus sucessores soviéticos fossem responsáveis pela séria deterioração do tecido urbano tradicional. Turquia e Irã seguiram um processo precoce de 'modernização' e, como resultado disso, formas urbanas históricas e complexos inteiros de edifícios foram demolidos para dar lugar a grandes avenidas. Na península arábica, estruturas urbanas



**Figura 15.** Islamabad - a 'Cidade do Islã', plano de expansão (c. 1965). A diferenciação funcional de Islamabad-Rawalpindi (segundo Krenn, 1968); e, inserido, o conceito de *dynapolis* de Islamabad-Rawalpindi de Doxiadis (conforme Kreutzmann 1992)

tradicionais eram relativamente desconhecidas, exceto no Iêmen. A 'urbanização petrolífera' árabe sustenta formas, por vezes, futurísticas de urbanidade e de urbanismo (Figura 16).

Em resumo, a teoria e a prática, e o ideal e a realidade dos modelos de cidade como representações de formas urbanas culturalmente específicas são, obviamente, válidos para as cidades pré-industriais e pré-ocidentalizadas do século XIX e início do século XX. Os modelos são representativos, também, dos centros urbanos antigos preservados, protegidos ou restaurados. Entretanto, tais centros urbanos são exceções à regra. Muitos núcleos históricos ou foram destruídos, ou estão deteriorados ou ainda

foram substituídos por formas modernas de planejamento e arquitetura. Em geral, uma observação feita em muitas áreas culturais do mundo também se aplica à sobrevivência de antigas formas urbanas: quanto menores são as cidades hoje, maiores são as chances de manutenção e preservação das estruturas herdadas.

### Transferências híbridas, transculturais e generalizações

A consideração do valor cultural e científico de incorporar perspectivas transculturais em modelos urbanos mal começou. A maioria dos modelos é específica para uma região cultural em particular (*Kulturraum/Kulturerdteil*) e está relacionada a centros urbanos históricos



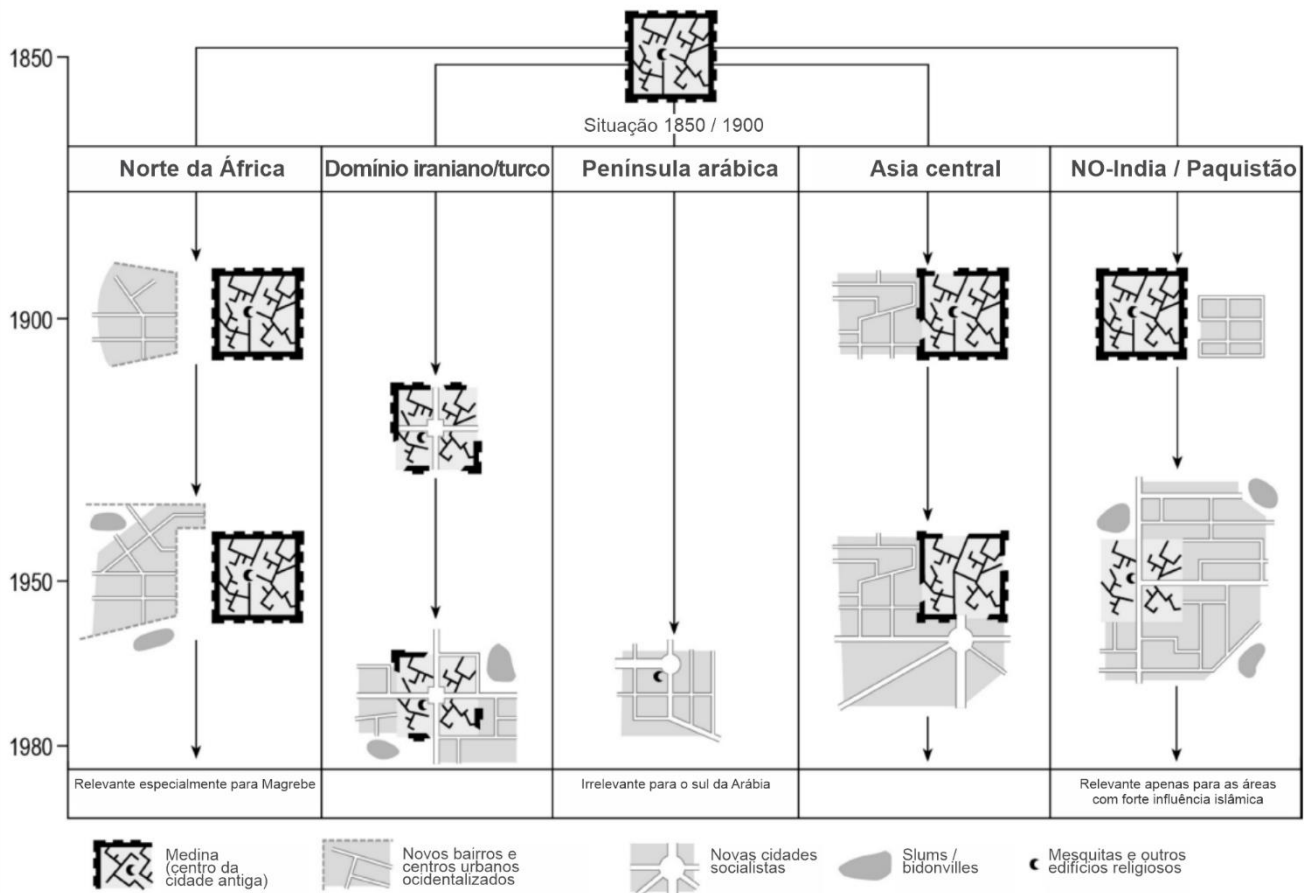
que agora são apenas minúsculas partes das conurbações. Muita coisa foi suplantada por influências modernas sob o impacto de um mundo cada vez mais globalizado. Muitas paisagens urbanas foram revestidas por uma capa de uniformidade de formas e funções que frequentemente obscurece sua relação com um domínio cultural específico.

Todavia, essas transformações urbanas não são o foco deste artigo. Em vez disso, a questão central é como avaliar as tradições históricas das formas urbanas culturalmente diferenciadas para as sociedades presentes e futuras. O fato de que cidades, ou partes delas (principalmente seus centros históricos), estão entre os locais mais atrativos dos sítios do Patrimônio Mundial da UNESCO, fala por si só. Em muitos casos, esses sítios representam não apenas uma única região ou período: são híbridos de diferentes influências culturais que configuraram uma nova forma urbana.

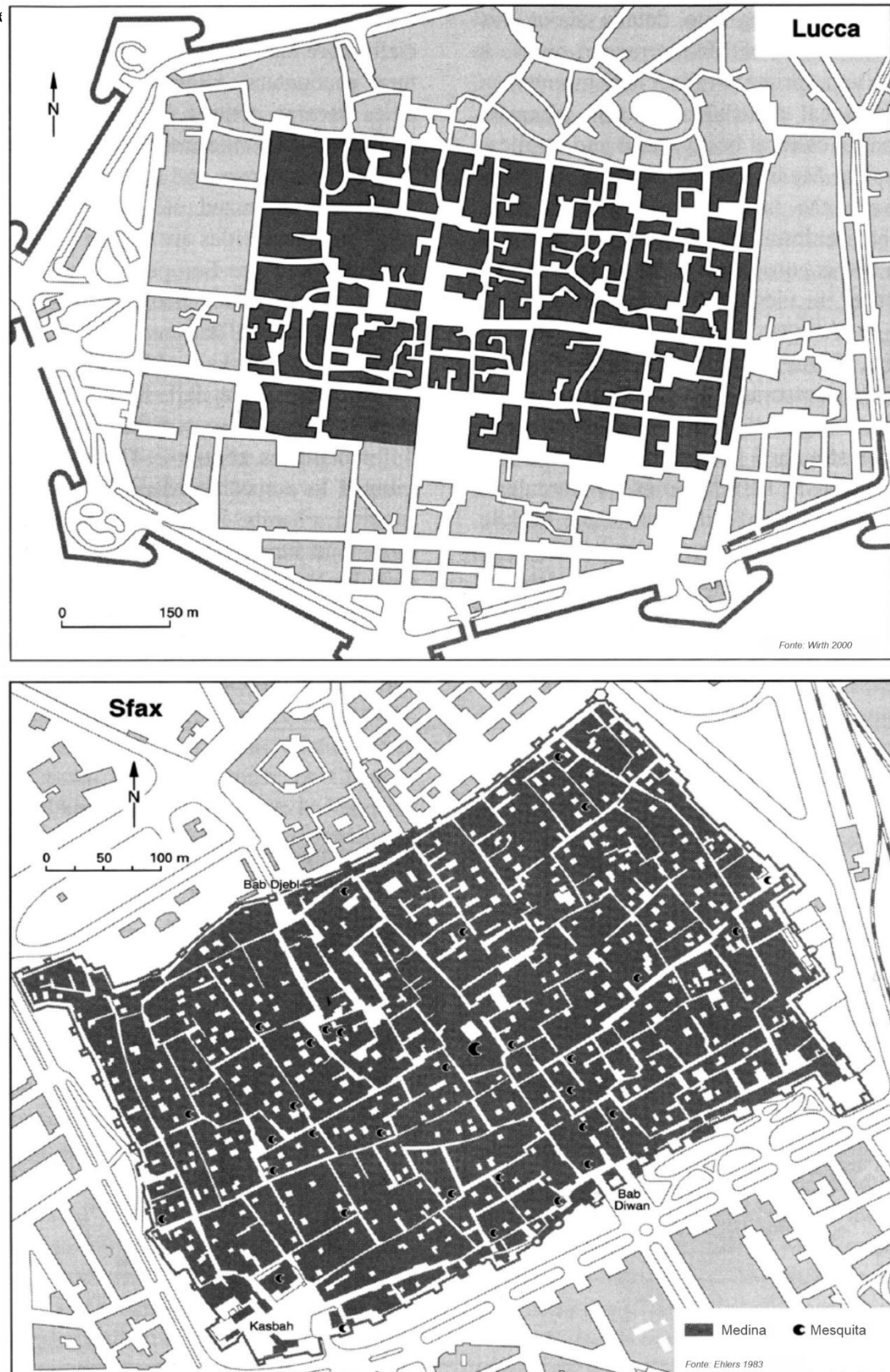
Tal observação é válida sempre que duas civilizações ou culturas entraram em contato e criaram novas formas híbridas. Claro, quase

todas as potências coloniais do século XIX - britânicos, franceses, russos e outros - transformaram formas urbanas existentes de maneiras diferentes e criaram novos tipos de formas; por exemplo, a cidade colonial indiana, as formas urbanas russo-soviéticas da Ásia Central ou a justaposição de medina e *ville nouvelle* no Magrebe (Figura 16).

Essas fertilizações cruzadas também ocorreram em outros contextos. Um exemplo impressionante é a Velha Delhi. Aqui, sob o domínio Mogol, e depois de muitas capitais hindus anteriores, Delhi finalmente se desenvolveu em um híbrido, com a coexistência de uma cidade 'islâmica' quase ideal (Velha Delhi) e Shajahanabad como capital do Império Mogol. Essa justaposição de uma forma urbana quase ideal e preservada do ambiente islâmico dentro de um ambiente predominantemente hindu-indiano torna inadequado identificar a capital da Índia Mogol como uma expressão da cultura hindu ou islâmica. A complexidade é ainda maior se incluirmos as formas coloniais de Nova Delhi



**Figura 16.** O desenvolvimento das formas urbanas das cidades do Médio Oriente desde 1850 até ao presente: uma abordagem comparativa (Ehlers, 1992b)



**Figura 17.** Cidades mediterrâneas: influências romanas, árabes e europeias modernas no crescimento, planejamento e desenho urbano: uma comparação entre Lucca, Itália (redesenhada de Wirth, 2000) e Sfax, Tunísia (Ehlers, 2001)

até sua estrutura de megacidade atual, com mais de 16 milhões de habitantes. Esses padrões urbanos e a coexistência de diferentes formas e traçados urbanos (islâmicos, hindus, domínio colonial e modernidade) são documentados de forma abrangente por Ehlers e Krafft (1993), Krafft e Ehlers (1995) e Krafft (1999).

Provavelmente, os exemplos mais impressionantes de formas urbanas híbridas são aquelas áreas e regiões que foram chamadas de 'encruzilhadas' culturais. De um lado o Mediterrâneo, um caldeirão clássico da antiguidade, e do outro lado o Islã e o 'Ocidente' também reflete o cruzamento cultural em suas estruturas urbanas. Não é apenas a persistência de padrões de ruas romanas e de desenhos urbanos que são evidentes na região do MENA, mas também a transformação de paisagens urbanas europeias em cidades 'islâmicas'. Os exemplos são múltiplos. Há inúmeras heranças de formas urbanas e traçados de cidades desde os tempos romanos ao redor do Mediterrâneo, desde as atuais Síria e Palestina até o Magrebe e a Andaluzia: alguns são documentados em estudos que agora podem ser considerados clássicos (especialmente Sauvaget, 1934, 1949; Wirth, 2000). São também numerosos os casos nos quais conquistadores islâmicos imprimiram as suas visões urbanas nos assentamentos europeus existentes. Particularmente, bons exemplos de hibridizações medievais existem na Espanha (Kress, 1970), Itália e nos Bálcãs. A justaposição de traçados urbanos de Lucca na Itália e de Sfax na Tunísia (Ehlers, 1983) apoia o argumento de que a cidade mediterrânea deve ser reconhecida como um tipo de cidade à parte, um híbrido das tradições urbanas do Oriente Médio e do sul da Europa (Ehlers, 2001). A fertilização cruzada da cultura e da arquitetura é evidente tanto nos traçados urbanos quanto nos detalhes dos edifícios residenciais e públicos (Figura 17).

Harris (1992) argumentou que nas transformações urbanas há mais do que diferenças na evolução histórica sobre o espaço e diferenças culturais sobre o tempo. Isso torna qualquer exercício de modelagem complexo e seus resultados questionáveis. Mesmo dentro de culturas homogêneas, cada cidade e vila tem sua identidade específica -

um desafio para todos os pesquisadores de formas urbanas, independentemente de sua formação acadêmica ou profissional.

### Conclusão

Uma série de questões surge desta consideração dos modelos urbanos. À guisa de conclusão, três delas serão brevemente mencionadas aqui. Em primeiro lugar, o que as formas urbanas nos dizem sobre a essência ou significado de uma cidade – *Wesen* em alemão - e até que ponto esse modo de considerar cidades é relevante hoje? Em segundo lugar, como os modelos de novas formas urbanas devem ser desenhados? Por fim, em que medida e de que maneiras o processo global de urbanização afeta a formação e persistência de paisagens urbanas tradicionais e culturalmente diferenciadas?

Os modelos discutidos neste artigo fornecem ideias sobre a organização territorial do lugar e do espaço, hierarquias e diferenciações funcionais, estruturas de poder político e militar e, claro, estratificações sociais. Aspectos como a localização central de uma mesquita ou igreja, a posição proeminente de um palácio ou cidadela e o arranjo espacial de edifícios públicos são expressões de ideologias. No entanto, é questionável até que ponto modelos predominantemente formais, por si só, podem proporcionar uma compreensão das culturas urbanas. O historiador turco Inalçik (1990) está, provavelmente, certo quando afirma que 'antropólogos e geógrafos descobrirão o 'significado' somente depois que o trabalho de campo necessário nos registros judiciais das cidades islâmicas tiver sido feito'. Tal aviso é compreensível, porque regras, valores e normas são fundamentos das formas físicas e pré-condições para sua formação. Muitas cidades medievais da Europa central são expressões formais da coexistência do poder clerical e mundano, e cidades antigas da China e da Índia, bem como as fundações coloniais de cidades na América Latina refletem ideologias, assim como os fazem as formas urbanas atuais. A exploração mais profunda do que está por trás das formas físicas continua sendo um desafio para pesquisas futuras.

Formas urbanas tradicionais e culturalmente específicas tendem a se concentrar nos centros

históricos das cidades atuais. A representação de tais formas urbanas nos modelos mais ou menos 'ideais' reflete apenas uma pequena parte da realidade atual. Os modelos em larga escala e mais dinâmicos, considerados aqui para cidades norte-americanas, latino-americanas e islâmicas, são multifacetados. Uma dessas facetetas corresponde aos subúrbios, *edge cities*, vilas urbanizadas e distritos autônomos, a ocupação de áreas rurais pela população urbana. A outra são as *slums*, favelas, *bidonvilles* e outras formas de crescimento urbano periférico e frequentemente descontrolado. A expansão urbana tornou-se um padrão de crescimento observável em nível mundial, para o qual têm de ser desenvolvidos novos modelos. Short (2007) intitulou um recente livro americano *The liquid city* [A cidade líquida]. Talvez esse termo possa servir como uma caracterização do atual processo de urbanização global. A questão que permanece é como novos modelos de forma urbana serão desenhados e o que eles serão capazes de nos dizer sobre características culturalmente específicas em um mundo globalizado com formas cada vez mais uniformes horizontal e verticalmente.

O termo 'processo global de urbanização' foi usado neste artigo em relação a cidades de todos os tamanhos e em todas as áreas culturais. Tal termo não é o mesmo que o último 'modelo' que gostaria de mencionar: a cidade global. Argumentou-se, com boa razão, que nem os estados nem os governos nacionais são os principais agentes no processo de globalização, mas sim as 'cidades' no sentido de cidades globais. Essas cidades coincidem com notáveis, em alguns casos sem precedentes, mudanças nas formas e funções urbanas, não apenas devido ao crescimento populacional, mas também da competição entre megacidades.

As dinâmicas dessas transformações urbanas são refletidas em várias tendências urbanas em todo o mundo. No relatório *State of the World's Cities 2010/2011* [Situação das Cidades do Mundo 2010/2011] (UN-HABITAT, 2010), a expansão urbana é identificada como um problema-chave. Corredores urbanos ao longo de estradas, ferrovias ou rios são outro. Problemas significativos existem nas múltiplas consequências das 'segmentações urbanas' e a 'desigualdade em habitação, infraestruturas, no

acesso a serviços de saúde e educação' e numa série de outros aspectos precisa de ser superada. 'Transposição da segmentação urbana' e 'o direito à cidade' são questões que precisam ser consideradas em pesquisas futuras.

A análise de modelos representativos das formas urbanas em uma perspectiva transcultural revela que alguns desses modelos reúnem os efeitos da migração rural-urbana, a coexistência de favelas e condomínios fechados e outras disparidades socioeconômicas. No entanto, alguns modelos se concentram em centros históricos e não consideram o desenvolvimento posterior desses centros nem sua integração no tecido urbano geral de hoje. Não seria uma empreitada valiosa e uma tarefa intelectualmente recompensadora trabalhar rumo a uma tipologia de formas urbanas comparáveis no tempo e no espaço - uma tipologia que leve em conta estruturas originais e contemporâneas em uma perspectiva transcultural?

#### Nota

<sup>1</sup> Este artigo foi traduzido e reeditado com a permissão do editor da *Urban Morphology*, onde o artigo foi publicado pela primeira vez.

#### Referências

- Bähr, J. and Mertins, G. (1981) "Idealschema der sozialräumlichen Differenzierung lateinamerikanischer Großstädte", *Geographische Zeitschrift* 69, 1-33.
- Bähr, J. and Mertins, G. (1992) "The Latin American city", in Ehlers, E. (ed.) *Modelling the city: cross-cultural perspectives* Colloquium Geographicum 22 (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 65-75.
- Bähr, J. and Jürgens, U. (2005) *Stadtgeographie II – Regionale Stadtgeographie* (Westermann, Braunschweig).
- Böhm, H. (1986) "Soziale und räumliche Organisation der Stadt. Vorstellung in der geographischen, städtebaulichen und nationalökonomischen Literatur Deutschlands vor 1918", *Colloquium Geographicum* 19 (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 33-55.
- Borsdorf, A., Bähr, J. and Janoschka, M. (2002) "Die Dynamik stadtstrukturellen

- Wandels in Lateinamerika im Modell der lateinamerikanischen Stadt", *Geographica Helvetica* 57, 200-310.
- Borsdorf, A. and Bender, O. (2010) *Allgemeine Siedlungsgeographie* (Böhlau, Wien).
- Borsdorf, A. and Coy, M. (2009) "Megacities and global change: case studies from Latin America", *Die Erde* 140, 341-53.
- Burgess, E. W. (1925) "The growth of the city", in Park, R. E., Burgess, E. W. and Mackenzie, R. D. (eds) *The city* (University of Chicago Press, Chicago) 47-62.
- Conzen, M. P. (2001) "The study of urban form in the United States", *Urban Morphology* 5, 3-14.
- Dettmann, K. (1969a) "Islamische und westliche Elemente im heutigen Damaskus", *Geographische Rundschau* 21, 64-9.
- Dettmann, K. (1969b) *Damaskus. Eine orientalische Stadt zwischen Tradition und Moderne* Erlanger Geographische Arbeiten 26 (Fränkische Geographische Gesellschaft, Erlangen).
- Dettmann, K. (1974) "Islamabad (Pakistan): Plan und Wirklichkeit", *Die Erde* 105, 224-73.
- Dettmann, K. (1980) "Städtewesen und Stadtstrukturen im Norden des Industrieflandes", *Mitteilungen der Fränkischen Geographische Gesellschaft* 25-26, 351-93.
- Dietrich, B. (1930) "Nordamerikanische Stadtlandschaften", in Passarge, S. (ed.) *Stadtlandschaften der Erde* (de Gruyter, Hamburg) 144-54.
- Doxiadis, C. A. (1960) "Preliminary plan for Islamabad: summary of Doxiadis Associates Report No. 25", *Ekistics* 10, 410-39.
- Dutt, A. K., Costa, F. J., Noble, A. G. and Aggarwal, S. (1994) "City forms of China and India in global perspective", in Dutt, A. K., Xie, Y., Costa, F. J. and Yang, Z. (eds) *The Asian city: processes of development, characteristics and planning* (Kluwer, Dordrecht) 25-52.
- Eberhard, W. (1955-56) "Structure of the Chinese city in the pre-industrial period", *Economic Development and Cultural Change* 4, 253-68.
- Ehlers, E. (1983) "Sfax/Tunesien. Dualistische Strukturen der orientalisches-islamischen Stadt", *Erdkunde* 37, 81-96.
- Ehlers, E. (1985) "German geography of the Middle East: trends and prospects", *Middle East Studies Association Bulletin* 19, 183-95.
- Ehlers, E. (ed.) (1992a) *Modelling the city: crosscultural perspectives* Colloquium Geographicum 22 (Ferdinand Dümmlers, Bonn).
- Ehlers, E. (1992b) "The city of the Islamic Middle East", in Ehlers, E. (ed.) *Modelling the city: cross-cultural perspectives* Colloquium Geographicum 22 (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 89-107.
- Ehlers, E. (1993) "Die Stadt des Islamischen Orients. Modell und Wirklichkeit", *Geographische Rundschau* 45, 32-9.
- Ehlers, E. (2001) "The Mediterranean city: Arab and Western encounters – traditions and futures", *Arab World Geographer* 4, 238-57.
- Ehlers, E. (2003) "Cultural identity and the city", *Urban Morphology* 7, 113-21.
- Ehlers, E. and Krafft, T. (eds) (1993) *Shahjahanabad / Old Delhi: tradition and colonial change* Erdkundliches Wissen 111 (Steiner, Stuttgart).
- Gauthiez, B. (2004) "The history of urban morphology", *Urban Morphology* 8, 71-89.
- Gutschow, N. (1994) "Varanasi/Benares: the centre of Hinduism? A discussion of the meaning of 'place' and 'space'", *Erdkunde* 48, 194-209.
- Hakim, B. S. (1986) *Arabic-Islamic cities: building and planning principles* (Routledge and Kegan Paul, London).
- Harris, C. D. (1992) "Areal patterns of cities through time and space: technology and culture", in Ehlers, E. (ed.) *The nature of cities further considered* (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 41-53.
- Harris, C. D. and Ullman, E. L. (1945) "The nature of cities", *Annals of the American Academy of Political and Social Science* 242, 7-17.
- Heineberg, H. (2007) "German geographical urban morphology in an international and interdisciplinary framework", *Urban Morphology* 11, 5-24.

- Hofmeister, B. (1980) *Die Stadtstruktur. Ihre Ausprägung in den verschiedenen Kulturräumen der Erde* Erträge der Forschung 132 (Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt).
- Hofmeister, B. (1992) "The North American city", in Ehlers, E. (ed.) *Modelling the city: crosscultural perspectives* Colloquium Geographicum 22 (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 54-64.
- Hofmeister, B. (2004) "The study of urban form in Germany", *Urban Morphology* 8, 3-12.
- Holzner, L. (1996) *Stadtland USA – die Kulturlandschaft des American way of life* (Petermanns Geographische Mitteilungen Ergänzungsheft 291 (Klett, Gotha).
- Hoyt, H. (1939) *The structure and growth of residential neighborhoods in American cities* (Federal Housing Administration, Washington, DC).
- Inalçik, H. (1990) "Istanbul: an Islamic city", *Journal of Islamic Studies* 1, 1-23.
- Kirk, W. (1978) "Town and country in ancient India according to Kautilya's Arthashastra", *Scottish Geographical Magazine* 94, 67-75.
- Kohl, J. G. (1841) *Der Verkehr und die Ansiedelungen der Menschen in ihrer Abhängigkeit von der Gestaltung der Erdoberfläche* (Arnold, Dresden).
- Knox, P. L. (2008) *Metroburbia USA* (Rutgers University Press, New Brunswick, NJ).
- Korcelli, P. (1975) "Theory of intra-urban structure: review and synthesis. A cross-cultural perspective", *Geographica Polonica* 31, 99-131.
- Krafft, T. (1999) *Von Shahjahanabad zu Old Delhi. Zur Persistenz islamischer Strukturelemente in der nordindischen Stadt* Bonner Geographische Abhandlungen 100 (Asgard, Bonn).
- Krafft, T. and Ehlers, E. (1995) "Imperial design and military security: the changing iconography of Shahjahanabad-Delhi", *Erdkunde* 49, 122-37.
- Krenn, H. (1968) "Islamabad. Zum Problem des Hauptstadtstandorts in Pakistan", *Geographische Rundschau* 20, 438-43.
- Kress, H. J. (1970) *Die islamische Kulturepoche auf der Iberischen Halbinsel* Marburger Geographische Schriften 43 (Geographisches Institut, Universität Marburg, Marburg).
- Kreutzmann, H. (1992) "Anspruch und Realität einer geplanten Hauptstadt: Islamabad in Pakistan", *Erdkunde* 46, 26-39.
- Krziz, A. (1857) *Plan von Tehran*, reprinted 1977 (Slaby, H. (ed.)) (Akademische Druck- und Verlagsanstalt, Graz).
- Levy, A. (1999) "Urban morphology and the problem of the modern urban fabric: some questions for research", *Urban Morphology* 3, 79-85.
- Marçais, G. (1945) "La conception des villes dans l'Islam", *Revue d'Alger* 2, 517-33.
- Pieper, J. (1977) *Die Anglo-Indische Station oder die Kolonisierung des Götterberges: Hindu-Stadtkultur und Kolonialstadtwesen im 19. Jh. Als Konfrontation östlicher und westlicher Geisteswelten*. Veröffentlichungen Des Seminars für Orientalische Kunstgeschichte an der Universität Bonn Reihe B: Antiquitates Orientales 1 (Habelt, Bonn).
- Sauvaget, J. (1934) "Le plan de Laodicée-sur-Mer", *Bulletin d'Etudes Orientales* 4, 81-114.
- Sauvaget, J. (1949) "Le plan antique de Damas", *Syria* 26, 314-58.
- Schinz, A. (1989) *Cities in China* Urbanisierung der Erde 7 (Gebrüder Bornträger, Berlin).
- Schlüter, O. (1899) "Über den Grundriß der Städte", *Zeitschrift Gesellschaft Erdkunde Berlin* 34, 446-62.
- Schneider-Sliwa, R. (2005) *USA* (Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt).
- Schöller, P. (1967) *Die deutschen Städte. Erdkundliches Wissen Beihefte zur Geographische* 17 (Steiner, Wiesbaden).
- Seeger, M. (1975) "Strukturelemente der Stadt Teheran und das Modell der modernen orientalischen Stadt (Fallstudie Teheran)", *Erdkunde* 29, 21-38.
- Seeger, M. (1978) *Teheran: eine stadtgeographische Studie* (Springer, Wien).

- Short, J. R. (2007) *Liquid city: megalopolis and the contemporary northeast* (Resources for the Future, Washington DC).
- Singh, R. P. B. (ed.) (1993) *Banaras (Varanasi): cosmic order, sacred city, Hindu traditions* (Tara Book Agency, Varanasi).
- Skinner, W. (ed.) (1977) *The city in late imperial China* (Stanford University Press, Stanford, CA).
- Smailes, A. E. (1969) "The Indian city: a descriptive model", *Geographische Zeitschrift* 57, 177-90.
- Taubmann, W. (1992) "The Chinese city", in Ehlers, E. (ed.) *Modelling the city: crosscultural perspectives* Colloquium Geographicum 22 (Ferdinand Dümmlers, Bonn) 108-31.
- UN-HABITAT (2010) *State of the world's cities 2010/2011: bridging the urban divide* (Earthscan, London).
- Wheatley, P. (1971) *The pivot of the four quarters* (Edinburgh University Press, Edinburgh).
- Whitehand, J. W. R. (1977) "The basis for an historico-geographical theory of urban form", *Transactions of the Institute of British Geographers* NS 2, 400-16.
- Whitehand, J. W. R. (1997) "Why Urban Morphology?", *Urban Morphology* 1, 1-2.
- Whitehand, J. W. R. (2001) "British urban morphology: the Conzenian tradition", *Urban Morphology* 5, 103-9.
- Wilhelmy, H. (1952) *Südamerika im Spiegel seiner Städte* (de Gruyter, Hamburg).
- Wirth, E. (2000) *Die orientalische Stadt im islamischen Vorderasien und Nordafrika* 2 vols (Philipp von Zabern, Mainz).

### Título, resumo e palavras-chave originais

*City models in theory and practice: a cross-cultural perspective*

**Abstract.** A range of models of urban form are examined in a cross-cultural perspective. Without claiming comprehensiveness and based largely on the findings of German-speaking researchers, it is argued that there are a number of models of urban form that serve as useful descriptive representations of particular cultural and historical conditions. However, such models are for the most part applicable to the historical urban fabric of a pre-globalized world and are of limited value outside the historical cores of traditional towns and cities.

**Keywords.** urban models, cultural distinctions, urban typologies, historical cores, German geographers

Editor responsável pela submissão: Karin Schwabe Meneguetti.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

